



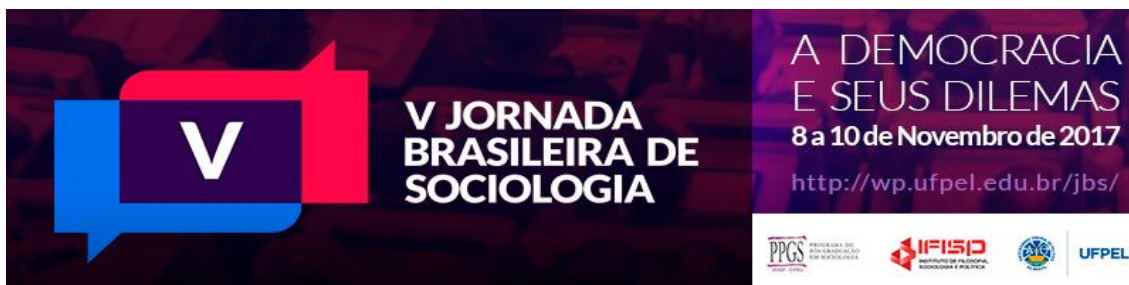
## **V Jornada Brasileira de Sociologia**

*Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas*

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate.

**A identidade dos alunos quilombolas da Universidade Federal de Pelotas.**



## **A identidade dos alunos quilombolas da Universidade Federal de Pelotas.**

Mariana Dias Cabelleira<sup>1</sup>

O presente estudo parte de uma dissertação de mestrado em andamento, que apresenta como temática a construção da identidade dos estudantes quilombolas da Universidade Federal de Pelotas. Esta instituição, desde 2015, disponibiliza um processo seletivo específico com vagas reservadas exclusivamente para sujeitos de comunidades quilombolas, em cursos cujas áreas são consideradas importantes para estas. Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que forma estes estudantes constroem e articulam suas identidades a partir das novas situações de identificações e diferenças, por vezes conflitantes, enfrentadas a partir do ingresso na universidade. Com o aporte teórico a respeito dos quilombolas, das ações afirmativas no ensino superior e da identidade em uma perspectiva pós-colonial, problematizou-se a respeito das identidades dos estudantes quilombolas considerando suas relações com os estudantes não-quilombolas, com a comunidade acadêmica e com a sua própria comunidade, após ingressarem na universidade. A partir das narrativas de três estudantes, utilizando a metodologia da história oral, percebeu-se, ainda que de forma parcial, que a identidade destes jovens articula-se entre identificar-se como quilombola e reconhecer a importância de suas comunidades, ao mesmo tempo em que não se identificam com as atividades rurais normalmente executadas por suas famílias. Ademais, percebeu-se que suas identidades são tensionadas principalmente pelas situações de preconceito.

*Palavras-chave:* quilombolas; ações afirmativas; ensino superior; identidade.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, CAPES, marianac2793@gmail.com.

O ensino público superior brasileiro a partir de 2012 passou a abrir portas para aqueles que carecem de oportunidades em razão de suas condições econômicas, precariedade de ensino durante a trajetória escolar, deficiências ou discriminações raciais e étnicas, através das políticas de ações afirmativas. Estas políticas propiciam que os espaços institucionais, antes elitizados, obrigatoriamente incluam aqueles que por muito tempo foram discriminados pela sociedade, criando condições para que estes grupos possam ascender economicamente e eliminando pouco a pouco o preconceito.

De acordo com o portal do Ministério da Educação (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012), a Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Nestas vagas, também leva-se em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Deste modo, as políticas de ações afirmativas transformam os espaços institucionais em ambientes com sujeitos de múltiplas identidades e trajetórias de vida, proporcionando trocas constantes entre estes. O convívio em um mesmo espaço influencia de forma positiva ou, por outro lado, também podem criar tensões em razão das diferenças.

Tratando-se especificamente das políticas afirmativas para negros e quilombolas<sup>2</sup>, as cotas foram introduzidas com o objetivo de reparar os danos de um passado marcado pela escravidão, causados a este grupo. O sistema educacional brasileiro dos períodos colonial, imperial e republicano de acordo com Campos (2016), não apresentava legislação que beneficiasse todos os habitantes brasileiros, e principalmente os chamados “meninos de cor” não encontravam acesso à educação. Esta situação resultou na formação de uma nação em que o negro não conseguia sair da posição de marginalidade, pois não tinha acesso a educação e, conseqüentemente, era desprezado pela população preconceituosa.

Nos Estados Unidos, na década de 60, de acordo com Campos (2016) surge o termo “ação afirmativa”. Dada a eliminação das leis segregacionistas neste período, os movimentos civis reivindicavam pela democracia no país e por uma nova legislação antissegregacionista. A ação afirmativa almejava atingir o direito à igualdade de oportunidades aos norte-americanos, a igualdade racial e principalmente a melhora das condições de vida da população negra. Por outro lado, o Brasil permanecia em regime militar, cujo governo,

---

<sup>2</sup> Os termos “quilombola” e “remanescentes de quilombolas” será usado igualmente para referir-se à todos aqueles que residiram ou residem em comunidades quilombolas.

segundo Guimarães (2008) reafirmava o mito da democracia racial, negando a existência de preconceito racial em um país mestiço. Desta forma, o racismo continuava a ser uma das grandes questões na sociedade brasileira.

Entretanto, conforme Moehlecke (2002), com a redemocratização do país, alguns movimentos sociais começaram a exigir uma postura mais ativa do Poder Público diante de questões como raça, gênero, etnia, e a adoção de medidas como as ações afirmativas. Neste contexto, ao final dos anos 70 o quilombo retorna à cena política e, de acordo com Leite (2000) neste período as abordagens socioantropológicas buscaram enfatizar os aspectos organizativos e políticos dos quilombos, convidando afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes a definir o que é o quilombo e quem são os quilombolas, a fim de inaugurar esta demanda à nova pauta política nacional.

Após 21 anos de governos ditatoriais militares, segundo Costa (2015) o novo regime democrático promulga a Constituição brasileira de 1988, definindo no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade definitiva, devendo o Estado, emitir-lhes os títulos respectivos”. Além disso, neste mesmo período, de acordo com Moehlecke (2002, p. 204) o governo brasileiro “motivado pelas manifestações por ocasião do Centenário da Abolição, cria a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, com a função de apoiar à ascensão social da população negra”.

Em razão da falta de clareza a respeito de quem eram os remanescentes de comunidades quilombolas que tinham o direito ao reconhecimento das terras, é criado em 2003 o art. 2 do decreto federal nº 4887, que afirma:

“Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003).

Após o esclarecimento desta questão, em 2004, de acordo com Costa (2014) criou-se o Programa Brasil Quilombola, o qual articula ações voltadas para as comunidades remanescentes de quilombos, dentre as quais estão ações de educação.

Neste sentido, de acordo com dados do site da Coordenação de Comunicação Social (UFPEL, 2014) a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), campo desta pesquisa, aprovou em 2014 a criação da Coordenação de Ações Afirmativas e Políticas Estudantis (CAPE) cuja finalidade é elaborar e executar a política de cotas na UFPel a partir da Lei 12.711/12 e gerenciar vagas específicas para estudantes indígenas e quilombolas. Conforme o site da site

da Coordenação de Comunicação Social (UFPEL, 2015), no ano de 2015, o Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão da Universidade Federal de Pelotas, aprovou uma resolução que instituiu dez vagas voltadas para estudantes provenientes de comunidades indígenas e quilombolas em cursos cujas áreas são consideradas necessárias para as comunidades (ANDIFES, 2015), repetindo um movimento já realizado por outras instituições federais de ensino superior do Rio Grande do Sul.

Pensando nestas questões, este trabalho tem como objetivo compreender de que forma os sujeitos autodeclarados quilombolas, constroem e articulam suas identidades a partir das novas situações de identificações e diferenças, por vezes conflitantes, enfrentadas a partir do ingresso na UFPel, por meio do processo seletivo específico para comunidades quilombolas. Deste modo, serão consideradas as relações dos estudantes quilombolas com os colegas e com a comunidade acadêmica, bem como com as suas próprias comunidades quilombola, após ingressarem no ensino superior. Para tanto, este estudo tem como recorte empírico os estudantes da Universidade Federal de Pelotas, que ingressaram através processo seletivo específico para ingresso de candidatos de comunidades quilombolas, conforme Resoluções nº 15/2015 e 33/2016 do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE)<sup>3</sup>, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012<sup>4</sup>, Portaria Normativa MEC nº 18, de 11 de outubro de 2012<sup>5</sup>, Decreto Nº 6.944 de 21 de agosto de 2009<sup>6</sup> e Decreto nº. 6.040/2007<sup>7</sup>.

De acordo com Moehlecke (2002) as políticas de ação afirmativa surgiram como uma das propostas de solução para a discriminação e desigualdade. Para a autora, trata-se de uma experiência relativamente nova no debate e agenda pública brasileira, e é por esta razão que este estudo problematiza as questões vividas pelos remanescentes de quilombolas que passam pela experiência de serem cotistas.

As políticas de reserva de vagas buscam atingir uma futura igualdade de fato, pois já está comprovado que a estrutura da sociedade brasileira não é capaz de garantir que as pessoas vençam por suas qualidades e esforços, visto que permite que os indivíduos vençam

---

<sup>3</sup> Dispõe sobre a abertura de vagas específicas em curso de graduação da UFPel para estudantes indígenas e quilombolas.

<sup>4</sup> A Lei nº 12.711, que reserva vagas nas instituições federais, vinculada ao Ministério da Educação, pode ser encontrada no site: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)>.

<sup>5</sup> A portaria normativa nº 18 pode ser encontrada em: <[http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/portaria\\_18.pdf](http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/portaria_18.pdf)>.

<sup>6</sup> Este decreto, a respeito da política de cotas, esta disponível de forma completa em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6944.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6944.htm)>.

<sup>7</sup> Este decreto, a respeito da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais, pode ser encontrado em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)>.

mediante favores, redes de amizade, cor, etnia e sexo (MOEHLECKE, 2002, p. 213). Além disto, Guimarães (2005) destaca que as ações afirmativas possibilitam a entrada e participação do negro nas lógicas competitivas da sociedade e fortalecem a identidade negra.

O processo de reconhecimento das comunidades quilombolas através das políticas de ações afirmativas, delinea novas questões relacionadas à identidade destes sujeitos. Através do uso da teoria pós-colonial, a pesquisa a ser desempenhada atenta ao fato de que os estudantes pesquisados não articulam a identidade quilombola como uma essência última e única, mas sim como uma soma de experiências, vivências e transformações, dadas a partir das relações com os quilombolas e com os não quilombolas no decorrer de suas trajetórias de vida.

De acordo com Costa (2015), os teóricos pós-coloniais desconstruem as identidades homogêneas que aprisionam, essencializam e localizam a cultura, e passam a referir-se à ideia de diferença, articulada, contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais. Deste modo, visualizar os remanescentes como estudantes quilombolas é compreender que o espaço acadêmico delinea novas experiências que interagem com a identidade quilombola, desconstruindo-a e reconstruindo-a continuamente. Portanto, as identidades quilombolas não serão apagadas, mas também não permanecerão intactas. A teoria pós-colonial indica que as representações essencializadas do sujeito baseadas na concepção binária de diferença “nós/outros” sejam desconstruídas.

Para compreender como são articuladas as identidades dos estudantes quilombolas a partir do momento em que ingressam na UFPel, esta pesquisa tem como método a História Oral, que segundo Delgado (2010), tem como objetivo construir fontes e documentos a partir de narrativas pessoais induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre determinada história, que variam de acordo com o objetivo do pesquisador. De acordo com a autora a História Oral é constituída por três tipos de entrevistas: histórias de vida, entrevistas temáticas e trajetórias de vida. Neste trabalho será utilizada a entrevista temática, que conforme Delgado (2010), refere-se a narrativas de experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. O roteiro de entrevista demanda que o estudante narre a sua história de vida: desde sua trajetória e atuações na comunidade, até a chegada ao espaço acadêmico, para que a pesquisadora possa captar de que maneira as identidades destes estudantes estão sendo construídas e articuladas, conforme as experiências, vivências e relações de diferença dos estudantes com as suas respectivas comunidades e com os não quilombolas.

Foram entrevistados três estudantes de 18, 19 e 21 anos, que nesta pesquisa serão nomeados respectivamente como Estudante 01, Estudante 02 e Estudante 03. Os dois primeiros estão respectivamente no quarto e no segundo semestre do curso de enfermagem e pertencem às comunidades Rincão da Faxina e Brasa Moura, localizadas próximas ao município de Piratini, no interior do Rio Grande do Sul, a 97 km do município de Pelotas. O último está no quarto semestre do curso de medicina e pertence à comunidade de Serrote, localizada próxima a Santa Maria da Boa Vista, no interior de Pernambuco.

Quando questionada a respeito de como ficou sabendo do processo seletivo, a Estudante 01 respondeu que a UFPel entrou em contato com a sua comunidade e que seu pai a incentivou: “ele dizia: tu tem que fazer pra tentar, vai treinando” (Estudante 01, 08/06/2017). Este relato demonstra a importância do incentivo e da valorização da educação pelas famílias de comunidades quilombolas durante a trajetória escolar dos jovens. Tal incentivo também é confirmado no caso do Estudante 02, que conta:

Desde pequeno eu falava que eu queria fazer medicina. Aí eu fui crescendo e vendo como era a realidade para poder entrar em um curso de medicina e eu ainda queria medicina. E aí tinha uma amiga da minha mãe que me incentivava muito, ela era professora, ela tem uma boa condição e ela ficava: “Dani, eu vou te ajudar, você consegue, se você fizer medicina eu te prometo te dar um paletó”. E quando eu já tava no ensino médio eu: “ah, não sei, to pensando em fazer outro curso, engenharia, alguma coisa assim”. E ela: “não Dani, continua”! (Estudante 02, 23/06/2017).

O Estudante 02 também relatou como ficou sabendo do processo seletivo na UFPel:

A minha tia estava em Brasília, ela é do Movimento Negro, sabe? Tinha aula lá eu acho. E daí tinha colegas dela daqui e ela ficou sabendo do processo. Ela me falou e a princípio eu nem queria vir porque eu pensei: “nossa é muito longe”, mas aí os meus pais me incentivaram e eu: “ah vou lá tentar então”. E deu certo, e aqui estou (Estudante 02, 23/06/2017).

O engajamento da tia do Estudante 02 no Movimento Negro também evidencia que, além de ter pais que se preocupam com a educação, este estudante faz parte de uma família que milita pelas causas dos negros. De acordo com Guimarães (2003, p. 249) “o movimento dos negros brasileiros contra as desigualdades raciais é sem dúvida uma importante forma de mobilização social no Brasil de hoje”. E, de acordo com Leite (2000), para os militantes negros o quilombo é considerado um conceito aglutinador, pois tem a capacidade de sustentar a afirmação da identidade negra ainda fragmentada pelo modelo de desenvolvimento do Brasil após a abolição da escravidão, orientando as pautas consideradas cruciais à mudança.

A atuação política das famílias dos estudantes quilombolas também é confirmada pelo Estudante 03: “minha bisavó era neta de escravos. A mãe resolveu arrumar a terra e tentar resgatar um pouco da história dela. [...] A minha mãe é presidente” (Estudante 03, 06/07/2017).

Quando a pesquisadora conversou com a Estudante 01 a respeito das realidades encontradas durante sua trajetória na Universidade Federal de Pelotas, ela contou:

Me receberam bem. Eu achei que eu ia sofrer preconceito, porque sempre me disseram, ah tu vai pra faculdade, lá eles fazem preconceito. Mas não. Até houve um caso agora a pouco tempo. Mas eu não dei muita bola pra isso. Eu fico na minha sempre. Ah, pode falar, to nem aí. [...] a gente tem as nossas dificuldades, né, e quem é que não tem? (Estudante 01, 08/06/2017).

O relato da jovem demonstra que a identidade quilombola é tensionada antes mesmo de saírem de suas comunidades para ingressar na universidade, visto que existe um sentimento de intimidação pela pressuposição de que serão vítimas de preconceito. O Estudante 03 confirma este sentimento ao relatar:

Eu tive assim, um pouco de medo talvez de sofrer algum preconceito. Mas não, tá sendo muito bom até. [...] Acho que eu to amigo de todo mundo na sala praticamente. Me comunico com todo mundo (Estudante 03, 06/07/2017).

Quanto a esta questão o Estudante 02 afirma:

Quando eu fiquei sabendo que era para ser aqui eu fiquei pensando: “nossa, eu vou, mas já vou preparado que eu vou sofrer bastante”. Mas aí quando eu cheguei aqui até que eu me surpreendi. Na faculdade tem só um professor que é bem carrasco, ele é daqui mesmo e meio que é contra Enem, contra vir pessoas de fora porque vão tomar as vagas dos que estão aqui. No início ele não gostava muito de mim, mas depois no segundo semestre ele já tava conversando comigo, já ficava fazendo brincadeiras. No laboratório eu sempre ficava perto dele e mostrava que tinha interesse e que queria aprender, mostrava o meu valor, e ele dizia: “ah, o Daniel aí ó, é dedicado!” (Estudante 02, 23/06/2017).

Neste relato é possível perceber que o Estudante 02 ocupou uma posição de resistência enquanto quilombola bem como enquanto aluno “de fora”, visto que mesmo com o discurso preconceituoso do professor, o jovem conseguiu desarmá-lo mostrando sua dedicação e ocupando posição de destaque na turma. Esta situação vai de acordo com as ideias de Guimarães (2003, p.258), pois de acordo com o autor:

O fato de que situações de grande competição, como o vestibular, não medem adequadamente as qualidades e os saberes dos estudantes “negros” fica comprovado quando comparamos o rendimento escolar e a pontuação no vestibular por grupos de cor. Mascarenhas (2001), em estudo sobre os estudantes da Universidade Federal da Bahia, achou, por exemplo, que os alunos “pretos” do curso de Medicina ingressaram com escore inferior aos “brancos” (5,32 contra 5,48), mas durante o curso apresentavam rendimento superior a estes (7,49 contra 7,31).

Além disso, o Estudante 02 comenta que “a cidade não é tão receptiva assim, mas eu vou me incluindo” (Estudante 02, 23/06/2017). Este relato juntamente com o relato da Estudante 01, que afirma não “dar muita bola” ou “estar nem aí” para aqueles que a discriminam por ser quilombola, denota o esforço por parte dos estudantes quilombolas não só em ignorar as situações de preconceito como também em mostrar aos não-quilombolas o quanto são capazes, como fez o Estudante 02 com o professor, que inclusive passou a admirá-



lo. Deste modo, nota-se que a política de reserva de vagas para quilombolas caminha rumo ao objetivo de Costa (2006), que afirma que as políticas devem garantir o respeito, a convivência e a integração entre os diferentes grupos, promovendo a inclusão ao mesmo tempo em que assegura as particularidades culturais dos grupos.

Quanto aos aspectos positivos do ingresso na UFPel o Estudante 02 comenta:

o legal é que é diferente, conhecer outras culturas. [...] Poder aprender, também trazer um pouco da minha cultura, dos meus aprendizados”. [...] Eles ficam me perguntando como era lá. Até que os meus colegas conhecem, sabem o que é. Até da minha região mesmo eles conhecem bastante. “Ah, é lá no Vale do Rio São Francisco”. E daí já conhecem porque estudaram bastante (Estudante 02, 23/06/2017).

O Estudante 03 também relata suas experiências positivas na UFPel:

Fui bem recebido por todos professores mesmo, sempre assim. Procuram até saber mais como são as comunidades, bem legal. [...] A gente se apresenta, eles perguntam: “qual é o teu nome, de onde tu vem”. [...] E nós que somos das comunidades, falamos: “a gente entrou pelo processo específico de quilombolas e indígenas”. [...] Muitos perguntam como é que é, onde é que fica, querem conhecer também. Alguns não entendem, mas outros dizem: “ah, na minha cidade tem isso aí também, eu queria ir lá conhecer, saber como é que é” (Estudante 03, 06/07/2017).

Por outro lado, no momento em que a pesquisadora questionou a respeito das dificuldades encontradas ao entrar no ambiente acadêmico, a Estudante 01 relatou:

No primeiro semestre consegui passar só em duas cadeiras. Eu sempre tive essa dificuldade de aprendizagem, eu tenho déficit de atenção. Aí com a monitoria, eles explicando pra mim, eu consigo aprender mais. [...] Além dos monitores, a coordenadora do curso é nossa amiga, nos ajuda, a gente criou um vínculo bem forte. Então foi isso que nos ajudou porque no primeiro semestre a gente tava bem perdido (Estudante 01, 08/06/2017).

O Estudante 03 tem a mesma opinião, pois relata:

No começo agora eu não consegui pegar bem as matérias. As provas todas que eu fiz mesmo eu rodei em praticamente todas. Recém agora nas segundas provas que eu to conseguindo passar, tava achando bem puxado. [...] Mas eles procuram também dar uma atenção especial, eles ficam perguntando como é que a gente tá se sentindo, se a gente precisa de alguma coisa. (Estudante 03, 06/07/2017).

Considerando estes relatos, verifica-se que é de extrema relevância que, além das cotas, a Universidade também ofereça auxílio aos estudos, visto que os estudantes quilombolas derivam de escolas do meio rural, que normalmente possui metodologias alternativas às do meio urbano. Inclusive esta é uma das razões pelas quais foi estabelecido um processo seletivo específico, com método que se difere do Exame Nacional do Ensino Médio, pois de acordo com Guimarães (2003, p. 259) “o exame vestibular não deixa espaço para que outras qualidades e potencialidades dos alunos sejam avaliadas”.

Ainda sobre as dificuldades no ambiente acadêmico o Estudante 02 afirma:

Eu tive bastante dificuldade porque é um ritmo, assim, frenético. Até outras pessoas que entraram, que vinham de cursinho em um ritmo mais pegado, todos sofrendo.

Tem muito índice de depressão entre os estudantes de medicina. O pessoal acha que você é maquina. É estudar o dia inteiro. O meu primeiro semestre foi um impacto, você ta no ensino médio e depois quando chega na faculdade é professor querendo te ferrar, trabalho, prova em cima de prova (Estudante 02, 23/06/2017).

Tendo em vista que através dos relatos notou-se a influência do pai da Estudante 01 quanto à valorização dos professores, a pesquisadora contou que em sua casa ocorria o mesmo, visto que sua mãe é professora. A Estudante 01 respondeu “meu pai também me deu aula, a minha mãe também me deu aula” (Estudante1, 08/06/2017).

Ao questionar a ocupação dos pais do Estudante 02, o estudante afirmou que eles também são professores e contou a trajetória de seu pai:

Meu pai que é mesmo lá da comunidade, que nasceu lá. Quando chegou o período de estudo, como lá não tinha, ele foi para Juazeiro na Bahia, já ouviu falar? Ele fez técnico em agropecuária. E depois ele retornou para a comunidade e lá ele construiu a família. Como ele já era técnico em agropecuária, ele prestava assistência na área da agropecuária para os moradores da comunidade. Depois ele fez faculdade de matemática, e aí ele também trabalha na comunidade. Os meus pais são professores (Estudante 02, 23/06/2017).

Com estes relatos identifica-se mais um aspecto importante na identidade destes jovens: seus pais são professores e possivelmente este seja um dos fatores que impulsionam a sua jornada como estudante, desde a escola até o ensino superior, pois em suas famílias o estudo é valorizado.

Quanto à influência de seu pai em sua trajetória, a Estudante 01 conta que este dizia: “do jeito que tu é, tu não gosta de capinar, pegar uma enxada, tu acha que tu vai gostar quando tu parar de estudar? Aí eu, tá, vou continuar, melhor” (Estudante 01, 08/06/2017).

Este trecho apresenta uma informação importante, pois a jovem quilombola demonstra não identificar-se com a ideia de executar tarefas relacionadas à lida no campo, trabalho que parece restar àqueles que não ingressam no ensino superior e permanecem na comunidade. Isto ocorre, pois, de acordo com Leite (2002, p. 200) a terra é “a fonte principal de recursos necessários para o sustento das famílias. É o lugar onde se investiu e se investe trabalho e de onde se tira o alimento que viabiliza a permanência das famílias e a sucessão da vida”. Isto pode ser confirmado pelo relato do Estudante 03: “quando eu morava lá eu ia muito para a lavoura com os meus pais. Era o que a gente mais fazia. Meus pais trabalham na lavoura” (Estudante 03, 06/07/2017).

Logo, resta aos jovens auxiliar as famílias com o trabalho na terra, o que também é importante, pois inclusive, alguns remanescentes afastam-se temporariamente de sua comunidade com o objetivo de estudar agronomia para aprimorar seus conhecimentos. Porém, hoje em dia percebe-se que pertencer às comunidades e identificar-se como quilombola não se

resume apenas a esta opção. O sujeito quilombola pode ir além, pois tem a oportunidade de cursar outras áreas, participando de outras esferas da sociedade e identificando-se com outros interesses, sem necessariamente abandonar suas comunidades.

Quando questionada se pretende voltar para a comunidade após o curso, a Estudante 01 respondeu: “pretendo. Eu tenho que dar retorno pra minha comunidade, porque graças a ela que eu to aqui” (Estudante 01, 08/06/2017).

Este relato demonstra a relação de responsabilidade e gratidão pela comunidade, confirmando a questão de que as ações afirmativas, ao mesmo tempo em que os auxilia a obterem novas vivências e perspectivas, também findam com os essencialismos que os determinavam como trabalhadores rurais. As ações afirmativas proporcionam e resgatam o reconhecimento de si como remanescente de quilombo de uma forma positiva, fortalecendo suas identidades, o que pode ser confirmado pelo relato do Estudante 03:

A união da comunidade começou a pouco tempo. Porque antes mesmo muitos não levavam fé que ia dar certo. Agora que eu vim pra cá pra faculdade que eles começaram a acreditar. Outras pessoas da família achavam “ah não vai dar certo, não adianta ficar correndo atrás de uma coisa que não vai conseguir”. Que fazia tempo que a gente tentava a autenticação e não conseguia. Assim que conseguimos eu vim para a faculdade, aí que começaram a se interessar. Aí todos começaram a se juntar (Estudante 03, 06/07/2017).

O Estudante 02 confirma este fortalecimento da identidade quilombola com o seguinte relato:

O meu objetivo é vir, estudar e depois poder voltar e contribuir com o que eu aprendi na minha comunidade. Assim como o meu pai fez, meus tios e as outras pessoas fazem. Contribuir com a comunidade com melhorias na minha área da saúde. Não tem médico, nem postinho. A prefeitura até que se esforça de mandar um médico uma vez por mês. Mas sem nenhuma estrutura, sem nada (Estudante 03, 23/06/2017).

O Estudante 03 também demonstra sentir-se responsável pela comunidade ao relatar:

Desde pequeno eu queria fazer uma coisa relacionada a isso, aí eu escolhi fazer enfermagem. Estou gostando bastante de enfermagem, acho que vou continuar e não vou trocar mais. Eu acho que vai ajudar bastante a minha comunidade eu levar esse conhecimento para eles. Eu quero ir lá para a minha comunidade, em Piratini (Estudante 03, 06/07/2017).

Por outro lado, a respeito do estilo de vida em sua comunidade, a Estudante 01 responde: “lá é muito parado, eu gosto de movimento” (Estudante 01, 08/06/2017). Esta afirmação evidencia que, ao sair de sua comunidade, a jovem articula sua identidade quilombola da zona rural, a uma perspectiva urbana, de movimento. Inclusive ela diz aproveitar as opções de lazer da cidade, e complementa: “se eu ficar só dentro do quarto estudando eu fico louca” (Estudante 01, 08/06/2017).

Este relato está de acordo com o que diz Bhabha (1998), pois segundo o autor reconhecer a *differance* da presença colonial é perceber que o sujeito colonizado ocupa um espaço de inscrição dupla, que resultou em um pós-colonialismo de identidades culturalmente e historicamente híbridas. Ou seja, o estudante quilombola tem sua identidade articulada por múltiplos espaços, como por exemplo, a sua comunidade, o município próximo a sua comunidade, a cidade de Pelotas e a Universidade. Estes são exemplos de espaços que tornam suas identidades híbridas, pois suas funções como filho, aluno, quilombola, militante, estudante, rural, urbano, entre outros, misturam-se, confundem-se e articulam-se. Este hibridismo pode ser confirmado com a resposta dada pelo Estudante 03 quando a pesquisadora pergunta se prefere o campo ou a cidade: “Eu acho que meio a meio. Eu gosto do campo e gosto da cidade. É que no campo não tem as coisas assim tão perto que nem na cidade, na cidade tem tudo perto” (Estudante 03, 06/07/2017). Porém, ao ser questionado se sente falta de sua comunidade, ele responde: “Sinto bastante falta. Eu chego aqui, da vontade de voltar [...] Às vezes no meio da semana da vontade de voltar para casa. Não consegui ainda” (Estudante 03, 06/07/2017).

A partir destes primeiros relatos e do estudo do quadro teórico, foi possível identificar certas questões vivenciadas pelos estudantes quilombolas desde suas trajetórias para chegarem até a universidade até os seus modos de lidar com o novo ambiente e com as novas experiências. Observou-se que o medo de serem vítimas de preconceito foi o principal obstáculo no momento em que pensaram em ingressar na UFPel. Contudo, percebeu-se que o incentivo da família foi o fator que impulsionou os jovens ao ensino superior. Cabe ressaltar que, de acordo com os relatos, notou-se que as famílias destes estudantes apresentam características importantes em comum: possuem ensino superior e/ou estão atuando politicamente pelas causas. Provavelmente seja esta a razão de tamanho estímulo ao ensino superior em uma Universidade Federal.

A partir das narrativas percebeu-se que as identidades dos estudantes de fato foram tensionadas pelos episódios de discriminação racial, mas felizmente este fator não os intimidou. Pelo contrário, segundo os relatos todos resistiram aos ataques e esforçaram-se para darem o melhor de si, ultrapassando as barreiras do preconceito, mostrando aos colegas não-quilombolas e a comunidade acadêmica o quanto são capazes, desmistificando a pressuposição de inferioridade atribuída aos quilombolas através da forte dedicação nos cursos. Entretanto, o maior obstáculo que os jovens encontraram ao deparar-se com a realidade do ambiente universitário foi o ritmo acelerado de estudos, visto que todos estudaram em escolas públicas do meio rural e de municípios próximos as comunidades.

Contudo, os estudantes afirmaram que a comunidade acadêmica oferece alguns tipos de apoio extra para que eles não desistam do curso em função das dificuldades.

Por fim, ainda que de forma preliminar, percebeu-se que, apesar dos tensionamentos, as identidades destes jovens estão continuamente sendo construídas e hibridizadas pelas vivências com os colegas. Todos os estudantes quilombolas relataram que os colegas não-quilombolas normalmente demonstram interesse pela história, cultura e funcionamento das comunidades quilombolas. Esta interação proporciona um ambiente universitário de diversidades, pois a troca de experiências entre as diferentes identidades promove o reconhecimento dos sujeitos, atingindo assim um dos objetivos das políticas de reserva de vagas.

Ademais, a partir do momento em que ingressam na universidade, os estudantes quilombolas relatam sentir-se ainda mais responsáveis pelas suas comunidades. Inclusive almejam voltar para estas após o término do curso, seja pelo sentimento de responsabilidade ou pela saudade de seu antigo ambiente. Em suma, os estudantes quilombolas, estão construindo suas identidades para além de um espaço etnicamente definido em suas comunidades quilombolas, que muitas vezes essencializava-os e categorizava-os como diferentes. Para os estudantes quilombolas, a universidade pode ser considerada um espaço de negociação e luta, que proporciona tanto o agenciamento da identidade quilombola, como também a rearticulação e tradução das diversas identidades, hibridizando-as.

## REFERÊNCIAS

ANDIFES. **UFPEL aprova criação de vagas especiais para quilombolas e indígenas**. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Ascom UFPEL, 2015. Acessado em: 11 de mai. 2017 Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/ufpel-aprova-criacao-de-vagas-especiais-para-quilombolas-e-indigenas/>>.

BRASIL. **Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 21 de nov. de 2003. Acessado em: 10 de out. 2016. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>> CAMPOS, Laís Rodrigues. **Do quilombo à universidade: Trajetórias, Relatos, Representações e Desafios de Estudantes Quilombolas da Universidade Federal do Pará-Campus Belém quanto à Permanência**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Pará, 2016.

COSTA, Sergio. Desprovincializando a sociologia. A contribuição pós-colonial. **Revista brasileira de ciências sociais RBCS**, v. 21, n. 60, p. 117-183, 2006.

- COSTA, Sergio. Da desigualdade à diferença: direito, política e a invenção da diversidade cultural na América Latina. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v.5, n.1, p.145-165, 2015.
- DELGADO, Lucília. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 2v.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Acesso de negros às Universidades públicas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 247-268, março/2003.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Raça, Cor e Outros Conceitos Analíticos, in: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio (Orgs.). **Raça. Novas Perspectivas Antropológicas**, Salvador: ABA/EdUFBA, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 34, p. 39-71, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LEITE, Ilka Boaventura. Projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16(3): 424, p. 965-977, setembro-dezembro, 2008.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. IV (2), p. 333-354, ), 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ensino superior: entenda as cotas para quem estudou todo o ensino médio em escolas públicas**. Perguntas frequentes, Brasil, 2012. Acessado em: 27 de mai. de 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>>.
- MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Coordenação de Ações Afirmativas e Políticas Estudantis (CAPE). Pró Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE**, Pelotas, 2015. Acessado em: 11 de mai. 2017. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/prae/coordenacao-de-politicas-estudantis>>.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Consun aprova criação de estrutura para ações afirmativas. Coordenação de Comunicação Social**, Pelotas, 2014. Acessado em: 11 de mai. 2017. Disponível em: <<http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2015/05/08/ufpel-aprova-criacao-de-vagas-especiais-para-quilombolas-e-indigenas>>.